



## memórias

*Felipe de Paula*

alguma coisa acontece no meu coração. no corte, na linha da pipa, meus dedos, da buenos aires com a primeiro de março, meu último beijo. o chope desceu daquele jeito, é, daquele jeito, e eu só fazia pensar no ernesto. todo mundo diz um quê de alguém, para alguém. meu tio disse para mim que preto não morre de doença, eu disse para ele que tem gente morrendo. encontrei esse poema na minha primeira semana na ilha do fundão, porque lá, na letras, aonde eu passava a maior parte do meu tempo, e sequer sabia de que lado nasce e se põe o sol, no gramado, tinha ficado pedaços. quinze dias, só isso. quinze dias para quem fica fora de sete às vinte e três, porque precisa e, ou, porque vive em um lugar em que as paredes, as cortinas, dizem não te querer, é bastante. por agora, não estou levando em consideração aquele amor gostosinho. sim, têm vantagens, o corpo cai de cansado e não precisa tomar nada, o corpo com pelo, com barba, precisa

a água está podre, mané. minha avó disse que levantar depois das dez é coisa de vagabundo, e vagabundo não deprime. com frequência, ela esquece que eu tenho cabeça de coelho, um pensamento multiplica outro. a pizza era tão grande que parecia uma vitória-régia, uma corda vermelha e uma florzinha no peito. sonhei que estava grávido

passei dois dias fora, e minha mãe me ligando, me ligando e dizendo que meu quarto tinha sido comido, mastigado com confete, duas meias, papel crepom e sete livros sobre vampiros que brilham; a guerra contra os cupins. primeiro, eu achei que ela só queria que eu voltasse, e depois confirmei, a fome de comer concreto, o bicho se aproximando da gente, a gente se aproximando do bicho. entra um móvel, sai outro; às vezes acho que sou móvel. uma mesa. vamos supor que eu seja uma mesa, de madeira

uma terça-feira assisti a três filmes. pinóquio e a fada azul, david e a fada azul, felipe e a nossa senhora; decidi escrever. era para ser um artigo, de fato. eu, com todo meu corpinho gordo. jesus, maria, joana, esse poemão está me custando algumas gotas. eu, com todo meu corpinho gordo pensei que pudesse catar esses três meninos, amarrar com barbante, dar três voltas com fita crepe, embrulhar para presente, e fazer um só. o primeiro, que é de lata, mas não esteve em o mágico de oz. falando nisso, não gosto de pensar em o magico de oz, por uma e outra lembrança, nem sei o motivo de o trazer até a quinta; deixo aqui minha nota de repúdio. lembro de eu menino, risos, é engraçado



falar "eu menino". alguma coisa sobre um homem com nome de cobra e outro com nome de piupiu, que achavam que no dia de hoje alguém, se é que posso chamar de alguém, estaria escrevendo isso para mim de dentro de uma espaçonave, melhor, de dentro de uma espaçonave, depois de decodificar tudo o que se passa aqui na minha cabeça de abacate, sem que eu dissesse uma palavra, não, eu diria um, dois, três e já. texto pronto, texto publicado, para falar do segundo, que é de madeira. e do mesmo jeitinho do anterior, é, eu não mencionei, mas, do mesmo jeito do anterior, rezava todos os dias para a santa do vestido azul. por sua vez, a santa do vestido azul nos leva ao terceiro, que, mesmo de carne e osso, tem medo e tem cheiro de terra. faz chuva, hoje o céu está tão misterioso. com sua licença, professora, e se eu não estiver inventado isso, e se não eu estiver só costurando com formiga um no outro, e no outro, e se eu não estiver, estiver, depois dos vinte e oito

eu vou aprender a subir esse poemão em vídeo ou eu não me chamo João Gostoso. eu não me chamo João Gostoso, esse deveria ser o título. espera um pouco, um pouquinho só, eu sei que o café está pronto, que o dinheiro é pouco e que morreu mais um do outro lado da calçada, mas, do outro lado da tela, tem gente querendo ver o meu rostinho, mesmo com a parede a se abrir. uma rachadura que vai da direita do batente até a esquerda do batente, meu quarto em um, dois, continentes. mete a mão na lata, pega massa, passa e espalha; mete mão na lata, pega massa, passa e espalha; e vai. espera um pouco, um pouquinho só, eu sei que a luz está apagada, e vira e mexe lembro Drummond. para anuviar

a amarelinha do emprego sim, emprego não. cortaram a luz no dia da prova, e fui buscar uma vela na casa de uma amiga, de uma amiga, de uma amiga, de uma amiga, de. duas semanas inteiras sem aparecer, dizer uma palavra. minha irmã disse que eu sou o melhor professor do mundo, mesmo que eu tenha medo da sala de aula física, porque eu, eu nunca tive um professor transexual; da sala de aula virtual, pois, sabe como é, chove, picota, cai

há diversas formas de cair. seja para o bem, seja para o mal, eu sou bom nessas coisas de ficar sete dias sem luz, sem água, sem escrever uma palavra. é difícil escrever sobre um ano em que eu quase não existi. caindo de medo, caindo de maldade, caindo de amor e também de saudades, caindo, caindo; acho que lá embaixo não tem cama elástica